

## NIETZSCHE E MARX CRÍTICOS DA RELIGIÃO

### I

Mesmo se avisados pelo próprio Nietzsche - “Quem julga Ter entendido algo acerca de mim, fez de mim algo à sua imagem - não raro, o contrário de mim, por exemplo, um ‘idealista’(...)”<sup>1</sup> - Nietzsche é um autor situado (muito embora difícil de situar): Mestre da suspeita; profeta da “Morte de Deus”; colocado numa temível trindade juntamente com Marx e Freud; ateu, sem Deus, imoralista;<sup>2</sup> homem de máscaras (mesmo se não podemos identificar o Homem com as suas máscaras); e até, depois de Heidegger, metafísico, embora pretendendo subverter esta tradição metafísica com o seu anti-Platonismo.

Nomeadamente esta última interpretação omite a relação de Nietzsche ao Cristianismo. Ora o pensamento de Nietzsche é incompreensível sem um horizonte teológico, praticamente ignorado também pelos “Nietzscheanos pós-modernos” (Derrida, Foucault, Lyotard e Deleuze) esquecendo o que Nietzsche considera “o maior dos acontecimentos recentes - a ‘morte de Deus’”.<sup>3</sup> Tal é o acontecimento que divide a humanidade. Esquecer o que foi para Nietzsche o adversário por excelência é obscurecer o seu pensamento e deformar, talvez mesmo, o essencial da sua doutrina.<sup>4</sup>

A confrontação de Nietzsche com o cristianismo é um **combate**, reivindicado como tal para afrontar o inimigo de igual para igual.<sup>5</sup> Isto porque o inimigo é de “nível”. Ou seja, o propósito de Nietzsche “visa ter a mesma amplitude, a mesma grandeza, a mesma ambição, a mesma profundidade que uma religião, mas recusando ser ou aparecer como a base de uma nova religião.”<sup>6</sup>

O que ele pretende é evitar e combater a **doença religiosa** que consiste na atitude de tudo remeter a si. O Homem vê-se a si mesmo e recusa ver as coisas como são. A religião nasce do medo diante do desconhecido, do novo, do não-humano, tentando impor uma lei, uma ordem à natureza.<sup>7</sup> A religião é a organização cultural, moral e dogmática (pelo menos em certos casos) desta tentativa de apropriação humana (talvez demasiado humana) do desconhecido. A descoberta de Nietzsche é a não redutibilidade do real ao Homem - a realidade como algo de “indiferente” que não se entende em função duma finalidade.

A *doença* aparece, assim, como um princípio hermenêutico que lhe permite ler a História, bem como a História da Filosofia e respectivos sistemas. O Homem é o “animal doente por excelência”.<sup>8</sup> E o “ideal ascético” encontra audiência e crédito junto do animal doente ao oferecer *um sentido* ao sofrimento e um remédio ao que ele possui de insuportável. O ideal ascético foi o ideal por excelência à falta de melhor.<sup>9</sup> É a vontade de viver, de acreditar, a “todo o preço”. E se o sentido que oferece é uma ilusão, algum sentido é melhor do que nenhum. A vontade de sentido é doença e mesmo loucura, mas é ela que está na base do Racionalismo Socrático<sup>10</sup> e na base das morais que pretendem fornecer critérios a partir da distinção do Bem e

do Mal.<sup>11</sup> E é também a força das religiões que propõem uma salvação e os meios de escapar às incertezas do destino do Homem.

O Homem doente não suporta o real e pretende corrigi-lo eliminando a outra parte, o que é diferente dele, o que é “distante”. A doença consiste em tentar reduzir o mundo a si mesmo através da procura de um sentido (filosófico ou religioso) eliminando tudo o que é diferente, matando a vida - tal é o niilismo - matando na vida tudo o que faz a vida.<sup>12</sup>

Tal é manifesto na oposição entre o *Crucificado* e *Dionísos* - a uma negação mórbida da existência, onde o divino está ao serviço da morte,<sup>13</sup> opõem-se uma afirmação triunfante de uma vida esquartejada mas que renasce das cinzas à maneira do divino. Os deuses podem renascer de múltiplas formas.<sup>14</sup> Assim, desaparecendo a figura do Crucificado pode surgir a de Dionísos como uma outra face do divino.

Os conceitos centrais do Cristianismo (amor, compaixão, humildade, espírito de sacrifício) são “moral de escravos” e ódio à vida (O Deus da cruz é uma maldição da vida).<sup>15</sup> O Fenómeno Dionisíaco pretende desmascarar as ilusões do optimismo, com o sim dito à vida. É que tais ilusões permanecem activas sob formas diversas, tais como o cientismo, a idolatria do progresso, o socialismo, e mesmo o ateísmo, na medida em que permanece ligado à “vontade de verdade a todo o custo.”<sup>16</sup> Com o combate contra o Cristianismo pretende abrir caminho a uma afirmação triunfante do mundo na sua profundeza caótica e propriamente divina.

É o mesmo antropocentrismo que está no coração da metafísica ocidental, combatendo o imenso vazio que rodeia o Homem; <sup>17</sup> está na dialéctica Socrática e no Racionalismo, ao reduzir o outro ao mesmo; e está no Cristianismo Paulino. Assim, a própria posição de Nietzsche aparece como **antítese**, e só se torna manifesta através da sua crítica ao Cristianismo.

O Cristianismo nasce da vontade humana de apropriação da verdade que encontra a sua origem no medo do desconhecido, o sem-fundo, ou seja, forja-se no desejo de fixar o mundo, fazendo-o perder a sua distância inultrapassável. Pretende encerrar a verdade em templos à medida humana. (É o que também faz Sócrates ao pretender tornar-se igual ao verdadeiro, ou referir o verdadeiro a si; ao banalizá-lo, apaga a distância fixando-lhe um sentido ou uma finalidade humana.)<sup>18</sup>

Mas Nietzsche distingue entre a figura de Cristo e o Cristianismo - algo muito distinto daquilo que Cristo quis e fez: Cristo morreu para indicar como devemos viver,<sup>19</sup> foi um espírito livre, cuja mensagem alegre (Boa-Nova) foi transformada por S. Paulo - apóstolo da vingança e do ressentimento - em má notícia, ao colocar a cruz como condição para dizer sim à vida; ao transformar o Cristianismo em *Igreja* - que tudo pretende perverter ao converter o valor em não-valor, a verdade em mentira.<sup>20</sup>

Esta inversão Paulina do Cristianismo representa a revolta do impotente diante do insuportável - a cruz aparece como meio de culpabilização, e assim confunde moral e religião: a moral torna-se o pressuposto do acto de fé (já não é o sim à vida, mas uma vida de obediência). Ao Homem culpado, centro de todas as atenções, podemos apresentar um Deus familiar, um Deus tranquilizador, um Deus humanizado. Mas este Deus perde todo o seu mistério, é um Deus demasiado próximo. É um Deus “fixo” à moral, e Nietzsche faz uma avaliação exclusivamente moral do Cristianismo, mas também fixado pelo dogma. Deus antropomorfizado e humanizado,

vazio de substância divina, que não pode senão aparecer como um produto humano, a partir da sua fraqueza e da sua incapacidade para afirmar o que o ultrapassa. Desta forma o Cristianismo acaba por matar o sentido do divino no homem, levando à perda do seu gosto pelo divino. E é por isso que o Deus que ele representa suscita a recusa, não por razões especulativas mas por uma questão de gosto.<sup>21</sup>

Temos assim o desmorronar-se duma religião reactiva, destruída pela sua própria moral<sup>22</sup> - é o sentido do pudor diante de um Deus concebido em proveito do Homem, colocado no centro, que produz o ateísmo moderno, e não qualquer orgulho do Homem em fazer-se passar por Deus ou substituir-se ao divino. Uma representação de Deus incompatível com o trágico da vida e o carácter insondável do real, ou de um mundo “novamente infinito”.<sup>23</sup> O Deus que morre é um Deus que perde a sua alteridade - “monotono-teísmo”.<sup>24</sup> Assim se compreende também que o combate contra este Cristianismo exija uma *metamorfose* - que consiste em dizer sim ao mundo enquanto *outro*; ao que é mais tenebroso e o mais misterioso, ao afirmar o carácter abissal do real.<sup>25</sup>

Na mesma linha devemos interpretar a importância da “revelação” em Sils-Maria (1881), isto é, como a revelação do esplendor, da beleza sem medida do mundo e da super-abundância do real que ultrapassa toda a justificação, toda a condenação. É a descoberta da inocência do mundo e a super-abundância do real. Já não quer apreender a beleza do mundo mas apenas evocar o esplendor do mundo - ver, contemplar, o mundo como beleza intocável.<sup>26</sup>

A oposição de Nietzsche ao Cristianismo não é, portanto, a de substituir Deus por um culto do Homem, mas procurar as condições duma afirmação renovada do **real**: sem fundo razoável (mesmo divino); que não aprisione este fundo num dogma ou numa moral, ou que o remeta a uma finalidade qualquer; que não seja consolador ou redentor em relação à errância humana; nem justificador do mal ou do negativo do devir.<sup>27</sup>

A Filosofia de Nietzsche culmina, recusando um sentido único ao mundo, na afirmação do abismo do mundo, na pluralidade e no que ela tem de irredutível por relação à exuberância da vida.<sup>28</sup>

Nietzsche reprova no Cristianismo simultaneamente: a sua *presunção* (o Homem como centro em relação a um Deus que o salva) e o seu *ascetismo* (exaltação da submissão e da morte). Tal reprovação passa pela aceitação da finitude Humana: o Homem não cessa de se transmutar - “permanente auto-superação”.<sup>29</sup>

## II

Para Marx a crítica da religião, obra de Feuerbach, estava, no essencial, terminada e era a premissa de toda a crítica na Alemanha: a crítica da religião deve, por isso, dar lugar a uma crítica mais radical - a crítica da situação, das condições sociais de injustiça que provocam a alienação religiosa. Deve, pois, criticar-se a alienação mais global do ser humano.

Considerada por Feuerbach a sua tarefa mais importante, a crítica da religião consiste, para este autor, em mostrar que a “essência teológica” da religião é falsa, e reduzi-la à essência do Homem - “o segredo da Teologia é a Antropologia” enquanto esta liberta o Homem da falsa imagem que lhe é atribuída pela cultura tradicional até ao Idealismo, inclusive.

A gênese de Deus surge a partir da projecção que o homem faz de si mesmo e da sua essência. Basta olhar para a essência do Homem para encontrar tudo o que o homem atribui a Deus. Deus é produzido pelo homem - “A essência de Deus não é mais do que a essência do ser humano, a essência do homem objectivada e separada do homem real e corpóreo. A essência contemplada e venerada como um ser-outro diferente do homem. Por isso todas as determinações da divindade também o são do ser humano.”<sup>30</sup>

A religião aliena, assim, o homem de si mesmo porque faz com que ele coloque fora de si aquilo que lhe é substancial. Ao alienar-se, o homem religioso empobrece a sua substância humana e, simultaneamente, desvia da existência terrena, corpórea, o interesse e a esperança da sua vida para os transportar para um céu imaginário. Para que Deus seja, o homem tem que negar-se.

A crítica de Feuerbach é assim a redução da Teologia à Antropologia. Nega-se a religião de Deus e afirma-se a religião do Homem (Humanidade). A essência do homem é o novo Deus. Desta forma faz da alienação um instrumento de combate à religião. (Feuerbach não condena tanto a religião, mas a Filosofia religiosa na fórmula que lhe deu Hegel).

Marx dá à alienação um novo estatuto. A originalidade de Marx consiste, não em explicar a alienação (Feuerbach) mas em reduzir a alienação às suas causas reais, ao criticar o estado de coisas que provocam a ilusão. Faz da religião um sub-produto do Homem, tal como a ideologia. A religião é mera criação do Homem.

Mas porque é que o Homem cria a religião? Os homens só se alienam do seu ser projectando-o num Deus imaginário, porque a existência real, na sociedade, não lhe permite o desenvolvimento e a realização da sua humanidade. A alienação resulta das condições concretas das sociedades humanas, A alienação é, primeiramente, uma alienação económica que depois se prolonga na alienação religiosa e na alienação filosófica. A religião, e a forma religiosa, estão em estreita relação com a organização económica, social e política, emprestando-lhes uma justificação ideológica.

Por isso não basta denunciar a alienação religiosa. É preciso mudar as condições reais e concretas que permitem que surja e se desenvolva a “quimera celestial”. Como Feuerbach, também Marx pensa que a religião é uma projecção do homem. Mas difere de Feuerbach quando encontra na raiz da religião, não um sentimento humano religioso, mas a miséria da vida social. Também o “sentimento religioso” é um produto social<sup>31</sup> - É o Homem que cria a religião e não a religião que cria o Homem.

Mas o que é o Homem? O Homem é o mundo do Homem do qual a religião é uma consciência invertida. Por isso a luta contra a religião é a luta contra um certo estado de coisas. A exigência de renúncia às ilusões religiosas é simultaneamente a exigência de renúncia a uma situação económica e social que tem necessidade de ilusões. A luta contra a religião é a luta contra um estado de coisas sancionado pela mesma religião. Existe o mundo fantástico dos

deuses, porque existe o mundo injusto dos homens. “A miséria religiosa é, simultaneamente, expressão da miséria real e o protesto contra essa miséria. É o suspiro da criatura esmagada, o coração de um mundo sem coração; como ela é o espírito de uma existência sem espírito, ela é o ópio do povo.

O desaparecimento da religião enquanto felicidade ilusória do povo é uma exigência da sua felicidade. Exigir que o povo renuncie às ilusões sobre a sua condição, é exigir que ele abandone uma condição que tem necessidade de ilusões.”<sup>32</sup>

A religião deve desaparecer porque impede o homem de ver o seu estado real - tira ao homem a consciência da sua miséria ao consolá-lo com a esperança de um outro mundo melhor.

A religião é uma forma de alienação e divisão do Homem que tem como características a resignação, a justificação transcendente da injustiça social e a compensação, no céu, das injustiças da sociedade opressiva. A religião é obra de uma humanidade sofredora e oprimida, obrigada a buscar consolo no universo imaginário da fé. Por isso as ilusões não desaparecem se não eliminarmos as situações que lhes dão origem e as exigem. Por conseguinte a crítica do céu transforma-se em crítica da terra, a crítica da religião e da Teologia em crítica do direito e da política.

Conclusão: a transformação prática das condições materiais acabaria com a religião e com a aparente (porque não constitutiva) dimensão religiosa do Homem. Marx substituiu a fé em Deus pela fé em si mesmo - pela fé no Homem.

É justa a sua crítica a todas as projecções ilusórias, a todos os ídolos fabricados pelo homem. Mas será o verdadeiro teísmo apenas uma projecção ou ilusão?

A crítica redutora das alienações termina numa antropologia naturalista, esquecendo a dimensão espiritual e transcendente do homem como pessoa. Sem abertura à Transcendência, característica de um verdadeiro Humanismo, o homem fica reduzido simplesmente a um conjunto de relações sociais. O Homem é o ser supremo para o Homem. É o dono e senhor de si mesmo que, pela *práxis*, se produz a si mesmo ao transformar, pelo trabalho, a natureza material. O Homem é um ser total. Omnipotente. “Causa sui”.

## NOTAS

1. *Ecce Homo*: “Porque escrevo tão bons livros”, § 1
2. Qualificativos que ele mesmo aceitaria - Cf. *A Gaia Ciência*, § 346
3. *A Gaia Ciência*, § 343
4. Valha-nos o testemunho existencial de Lou Salomé que acentua a paixão religiosa que animou o seu amigo - “A vida e o pensamento de Nietzsche foram constantemente guiados por um instinto religioso.”, in *Nietzsche*, Paris, 1932, p. 170
5. *Ecce Homo*: “Porque sou tão sábio”, § 7
6. P. VALADIER, *Nietzsche L’ intempestif*, Beauchesne, Paris, 2000, p. 70

7. Cf., *Para Além do Bem e Mal*, § 59; *O Anticristo*, § 51
8. Cf., *A Genealogia da Moral*, III, § XIII; *O Anticristo*, § 14
9. *A Genealogia da Moral*, III, § XXVIII
10. *O Crepúsculo dos Ídolos*: “O problema de Sócrates”
11. Cf., sobretudo o início de *Para Além de Bem e Mal*
12. *A Genealogia da Moral*, III, § XXVIII; *O Anticristo*, § 7
13. *O Anticristo*, § 18
14. *Assim falava Zarathustra*, IV, “A festa do burro”
15. *Ecce Homo*: “Porque sou tão sagaz”, § 10
16. *A Genealogia da Moral*, III, § XXIV, XXV, XXVII
17. *A Genealogia da Mora*, III, §1
18. *Crepúsculo dos Ídolos*: “O problema de Sócrates.”
19. *O Anticristo*, § 35, 39, 40.
20. *O Anticristo*, § 42, 43, 45, 62. Para mais esclarecimentos sobre a complexa relação entre S. Paulo e Jesus, cf., P. VALADIER, *Nietzsche et la critique du Christianisme*, Ed. du Cerf, Paris, 1974, cap. V e VI.
21. *A Gaia Ciência*, § 132
22. *A Genealogia da Moral*, III, § XXVII
23. *A Gaia Ciência*, § 374
24. *Crepúsculo dos Ídolos*: “A ‘Razão’ na Filosofia”, §1
25. *A Gaia Ciência*, § 374, 377
26. *Ecce Homo*: “Assim falou Zarathustra”, §1
27. *Ecce Homo*: “Porque sou um destino”, § 5. *Crepúsculo dos Ídolos*: “Os quatro grandes erros”, § 8
28. *A Gaia Ciência*, § 374, 377
29. Esta é uma das ideias animadoras da obra *Assim falava Zarathustra*.
30. L. FEUERBACH, *L’Essenza del Cristianesimo*, II, Universale Economica, Milano, 1952, p. 46
31. Cf., K. MARX, *Teses sobre Feuerbach*, Tese 7
32. K.MARX, “Contribution à la Critique de la Philosophie du Droit de Hegel”, in *Oeuvres Philosophiques*, I, Paris, 1946, p. 84.

J. FRANCISCO CUNHA CARVALHO